

POESIA ROMÂNTICA SENTIMENTAL BRASILEIRA: TUBERCULOSE, BYRONISMO, MAL DO SÉCULO.

DOI 10.5281/zenodo.7682678

Rosa Maria Mijas Beloto¹

Miguel Teixeira dos Santos Neto²

Resumo

O Romantismo é um estilo literário predominante na primeira metade do século XIX que se caracteriza pela subjetividade (valorização da visão de mundo de um indivíduo: o eu-lírico na poesia e o narrador pessoal na prosa narrativa), pela idealização da realidade e de tudo e de todos que dela fazem parte, do escapismo, da religiosidade, do culto à natureza etc. Assim é a Literatura Romântica na Alemanha, seu país de origem, na Inglaterra, no restante da Europa e no Brasil. O Romantismo tem duas fases ou gerações: a nacionalista, que exalta a Pátria, seus grandes feitos históricos e seus heróis, a sentimental, que fala da melancolia, do desejo de morte e do sofrimento decorrentes dos amores frustrados, não correspondidos e, no Brasil, que teve mais uma fase, a fase social, que trata de temas políticos, sociais, como a escravidão. O presente artigo vem ressaltar a poesia sentimental produzida no Romantismo Brasileiro influenciada pela poesia do inglês Lord Byron e, por isso, chamada byroniana, em que o eu - lírico deseja morrer para após a morte ter o amor da mulher amada impossível de ser correspondido nesta vida, deixando-se definhar, levando uma vida boêmia, desregrada, em constante risco de adoecer, tendência chamada mal do século. Também é o mal do século a tuberculose, que, no mesmo período, alastra-se matando muitas pessoas (epidemia). O mais importante poeta dessa geração romântica é Álvares de Azevedo e o presente artigo mostra que tanto o mal do século tendência do Romantismo como o mal do século tuberculose contagiaram igualmente a criatura (eu-lírico) e seu criador (poeta).

Palavras-chave: Romantismo Brasileiro. Poesia sentimental. Byronismo. Tuberculose. Álvares de Azevedo.

¹ Diretora de Pesquisa e Extensão da UNIESP. S. A. Mestre em Letras pela PUC-SP. Escritora, Pesquisadora e professora universitária.

²Graduado em Medicina pela UNIG. Mestre em Ciências Biológicas (Farmacologia e Química Medicinal) pela UFRJ e Doutor em Saúde Coletiva pela UNIFESP.

ABSTRACT

Romanticism is a predominant literary style in the first half of the 19th century that is characterized by subjectivity (valuation of an individual's worldview: the lyrical self in poetry and the personal narrator in narrative prose), by the idealization of reality and everything and everyone who is part of it, escapism, religiosity, the cult of nature, etc. This is how Romantic Literature is in Germany, its country of origin, in England, in the rest of Europe and in Brazil. Romanticism has two phases or generations: the nationalist, which exalts the Fatherland, its great historical achievements and its heroes, the sentimental, which speaks of melancholy, the desire for death and the suffering resulting from frustrated, unrequited love and, in Brazil, , which had another phase, the social phase, which deals with political and social issues, such as slavery. This article highlights the sentimental poetry produced in Brazilian Romanticism, influenced by the poetry of the Englishman Lord Byron and, therefore, called Byronian, in which the lyrical self wishes to die so that after death it may have the love of the beloved woman, impossible to be reciprocated in this life, allowing himself to languish, leading a bohemian, unruly life, at constant risk of getting sick, a tendency called the evil of the century. Tuberculosis is also the disease of the century, which, in the same period, spreads killing many people (epidemic). The most important poet of this romantic generation is Álvares de Azevedo and this article shows that both the 20th-century disease of Romanticism and the 20th-century disease of tuberculosis infected both the creature (lyricist) and its creator (poet).

Key Words : Brazilian Romanticism. Sentimental poetry. Byronism. Tuberculosis. Álvares de Azevedo

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Romantismo é um estilo artístico e literário que cronologicamente predominou do final do século XVIII até meados do século XIX. A Literatura Romântica ou a “literatura dos romances” assim é chamada por causa do surgimento de uma narrativa literária que atendia os desejos da então classe dominante – a burguesia –, que, apesar de rica e poderosa em todos os

aspectos, não era culta e, por isso, não entendia e não apreciava o preciosismo vocabular da literatura arcádica.

Além de uma literatura acessível, com linguagem fácil, a burguesia desejava a produção de obras com: 1) temas variados, que prendessem a atenção do leitor/ouvinte, repletas de suspense, ação (narrativa) e emoção (ao invés da razão); 2) personagens nobres, burguesas, caracterizadas como pessoas virtuosas, cheias de qualidades, para que os leitores chegassem à conclusão de que a burguesia era a única classe merecedora do poder, ou seja, uma obra literária veículo de uma ideologia que garantisse a manutenção da classe burguesa no poder.

Não demorou para que essa literatura patrocinada pela burguesia começasse a ser produzida e publicada em capítulos e entregues nas casas das pessoas por meio de folhetins quinzenais. A leitura de folhetins passou a ser um acontecimento social, em que as pessoas se reuniam para a leitura de cada capítulo, que sempre continha em seu final algum episódio de muito suspense, de maneira que o capítulo seguinte fosse muito aguardado. No decorrer dos quinze dias entre um folhetim e outro, as pessoas comentavam sobre o que e como seria resolvido aquele suspense e no dia de entrega do folhetim que se iniciava com a solução do suspense do final do capítulo anterior, todos estavam mais uma vez reunidos como que numa festa. O alívio durava pouco, só até o final daquele capítulo, pois novo “gancho” sempre garantia que o capítulo da próxima quinzena fosse almejado.

Essa narrativa em capítulos quinzenais, quando seus capítulos são reunidos, formam uma longa e completa narrativa literária em prosa: *o romance*, e com ele, a Literatura romântica.

II- CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS E GERAIS DA OBRA ROMÂNTICA:

1. SUBJETIVIDADE: a obra romântica expressa a "visão de mundo" de alguém, de um "eu": o artista; o mundo interior do artista interfere, modifica sua visão de mundo exterior:

MUNDO EXTERIOR = MUNDO INTERIOR

Assim, a obra romântica é estruturada em PRIMEIRA PESSOA: a subjetividade é expressa por meio de verbos e pronomes em 1ª. pessoa, de exclamações, de interjeições, de avaliações pessoais do narrador, etc. O tipo de narrador comum nas obras românticas, portanto, é o

NARRADOR PESSOAL, que, muitas vezes, é também personagem da trama que narra. É por isso que a linguagem da obra romântica é predominantemente EMOTIVA.

2. IDEALIZAÇÃO: o escritor romântico retira da realidade em que vive a matéria-prima para a elaboração da sua obra; essa realidade, porém, não é passada diretamente para a obra tal e qual ela é: antes, o autor transforma o REAL em algo IDEAL (belo, perfeito, bom...);

3. SONHO, FANTASIA: o romântico é um sonhador, por isso cria um mundo onde tudo é possível, onde o imaginário, o inverossímil, a fantasia predominam sobre a realidade; levando também o leitor a sonhar. O conceito de que a Literatura é ficção encontra no Romantismo o seu melhor exemplo;

4. ESCAPISMO: através da idealização, do sonho e da fantasia, o romântico foge, escapa da realidade tal e qual ela é, chegando, muitas vezes, à alienação (para também "alienar" o leitor);

5. ESPIRITUALISMO: o romântico é religioso, crente em Deus e na vida eterna. Para ele, aquilo que não pode ser concretizado no "plano material" o será no "espiritual". A morte, por isso, é bem-vinda;

6. DESCRIÇÃO SUPERFICIAL/ NARRAÇÃO INTENSA: a obra romântica apresenta descrições superficiais (poucas caracterizações) dos referentes (personagens, lugares, objetos, etc), para que o leitor os imagine como ele bem o desejar (para "dar asas" à subjetividade do leitor também). A maioria das páginas das obras românticas é destinada à narração, cujo enredo é repleto de obstáculos e episódios que provocam suspense e emoção no leitor.

III- CARACTERÍSTICAS DO ROMANTISMO HERDADAS DO TROVADORISMO E DO ARCADISMO:

O Romantismo traz de volta características do Trovadorismo (Literatura Medieval) - como a religiosidade e a superioridade feminina no amor (vassalagem amorosa) - temas e enredos próprios das novelas de cavalaria medievais. Do Arcadismo, o Romantismo herda o culto à natureza, o bucolismo. A natureza normalmente é palco das grandes histórias de amor contadas nas obras românticas.

IV- ORIGEM DO ROMANTISMO E SUA EXPANSÃO:

O Romantismo surge na Alemanha em 1797 e na Inglaterra em 1798. A partir de 1816, ele se instala na França, Espanha e Itália; em 1822, na Polônia; em 1825, em Portugal e, finalmente, no Brasil em 1836.

V- ROMANTISMO EM PORTUGAL:

O Romantismo em Portugal data de 1825 e é marcado pela publicação da obra "Camões", de Almeida Garret, data em que os portugueses estão tentando reconquistar a nação invadida pelo domínio napoleônico. Para tanto, é preciso inflamar os corações portugueses com um nacionalismo extremo: é preciso lembrar os anos de glória de Portugal, o período em que o país liderou as grandes navegações; é preciso lembrar aquele que melhor cantou os feitos portugueses: Camões!

A literatura romântica portuguesa, como foi comum nos demais países da Europa viveu duas FASES ou gerações:

1a) NACIONALISTA: é aquela que tenta introduzir motivos medievais e o nacionalismo (como as obras de Almeida Garret, Castilho, Alexandre Herculano);

2a) SENTIMENTAL ou ULTRARROMÂNTICA: inspirada na obra do poeta inglês Lord Byron (daí outras denominações como: BYRONISMO ou MAL DO SÉCULO para esta fase); exageradamente melancólica, a poesia dessa fase expressa amores platônicos, impossíveis de serem correspondidos no plano material.

A prosa romântica satisfaz plenamente o desejo burguês, recuperando temas medievais, enredos de novelas de cavalaria (Alexandre Herculano), exaltando a burguesia ou falando de amores repletos de obstáculos (Camilo Castelo Branco, Júlio Dinis e Alexandre Herculano).

O Teatro romântico português é marcado pela tragédia de autoria de Almeida Garret: "Frei Luís de Sousa".

VI - ROMANTISMO NO BRASIL:

1. Contextualização:

O Romantismo no Brasil data de 1836, com a publicação da obra "Suspiros Poéticos e Saudades", de autoria de Gonçalves de Magalhães. Nesse período, o Brasil está vivendo o Segundo Reinado, mais precisamente no período das Regências, já que D. Pedro II ainda não atingira a maioridade. Do início do século até as Regências, muitos fatos históricos acontecem: com a vinda da família real portuguesa, liderada pelo príncipe regente Dom João VI, e a elevação do Brasil a REINO UNIDO a Portugal e Algarve, foi necessário providenciar uma infraestrutura que permitisse à nobreza portuguesa e à elite brasileira uma vida cultural e social semelhante à de Lisboa. A fundação da IMPRENSA RÉGIA, a fundação de Escolas e Academias, em especial a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios e a Academia de Belas Artes; a fundação do Jardim Botânico, a criação da Biblioteca Nacional, a abertura de Teatros,

etc, são medidas tomadas por Dom João VI muito importantes, pois representam um ponto de partida para o desenvolvimento cultural e, através do contato de artistas e escritores brasileiros com os europeus, e vice-versa, cria-se um intercâmbio cultural com o exterior. Com a volta de Dom João VI a Portugal, já como rei, fica como regente do Brasil o príncipe Dom Pedro, que no ano seguinte (1822) promove a INDEPENDÊNCIA DO BRASIL e torna-se seu primeiro imperador. Em 1826, Dom João VI morre e Dom Pedro I volta a Portugal para disputar o trono com seu irmão. Fica no Brasil seu filho, Pedro de Alcântara, aquele que, em 1840, torna-se Dom Pedro II, iniciando o SEGUNDO REINADO. Dom Pedro II tem sua maioridade antecipada para os 15 anos de idade e somente aos 22 passa a governar com autonomia. Até o ano de 1880, o imperador é atuante em seu governo, mostrando-se, dentre outras coisas, um verdadeiro Mecenaz das Letras e das Artes Românticas: patrocina estudos e a obra de escritores e artistas românticos mais expressivos, verdadeiros "profissionais" da Arte e da Literatura. A partir de 1880, porém, o imperador parece abandonar tudo isso. Curiosamente, é no ano de 1881 que o Romantismo dá lugar ao Realismo no Brasil, apesar da resistência imposta pela burguesia, pelo clero e pelos monarquistas.

2. Fases do Romantismo no Brasil:

No Brasil, o Romantismo teve uma fase a mais conforme o que segue:

1a) NACIONALISTA: em decorrência do UFANISMO que toma conta do Brasil ocasionado pela Proclamação da sua Independência, as primeiras obras românticas brasileiras contêm os seguintes elementos: exaltação à Pátria, idealizando-a; exaltação ao índio, focalizando-o como herói nacional e como elemento integrante da nossa natureza; narração de fatos históricos brasileiros, principalmente aqueles em que o Brasil tem participação significativa (Guerra do Paraguai, por exemplo).

2a) SENTIMENTAL: em que as obras focalizam o AMOR entre duas pessoas. O casamento, "sempre por amor", é a instituição social (e econômica) mais importante da época: é o final feliz para todos os problemas. A mulher é sempre misteriosa, inatingível, superior, perfeita (como nas cantigas de amor medievais). Os homens, nobres, belos, honrados, valentes: herói! As personagens, os lugares, tudo é idealizado ao exagero na obra romântica.

A prosa romântica sentimental tem sempre o enredo:

AMOR X OBSTÁCULO X AMOR
 (encontro) (separação) (casamento)

A poesia, aos moldes da de Byron, expressa melancolia, desejo de morte, amores platônicos e sem o final feliz das obras em prosa:

AMOR X OBSTÁCULO

(encontro) (separação)

3a) SOCIAL: fase em que as obras literárias estão mais voltadas para o REAL do que para o IDEAL. São obras que abordam temas sociais importantes daquele momento: uma literatura mais engajada, que só é classificada como romântica pela sua subjetividade. Inspiradas na obra de Victor Hugo (daí o outro nome da fase: Hugoana), as ideologias abolicionistas e republicanas, a vida e os costumes das classes populares e tudo aquilo que as obras das demais fases "escondem" como se não existissem, as obras dessa fase absorvem como tema.

Os principais autores do Romantismo no Brasil são:

POESIA:

1. *Primeira Geração: Nacionalista ou Indianista:*
 - 1.1 Gonçalves de Magalhães;
 - 1.2 Gonçalves Dias;
 - 1.3 Porto Alegre;
2. *Segunda Geração : Ultra-Romântica ou Byronismo ou Mal-do-Século:*
 - 2.1 Álvares de Azevedo;
 - 2.2 Fagundes Varela;
 - 2.3 Casimiro de Abreu;
 - 2.4 Junqueira Freire;
3. *Terceira Geração: Social, Condoreira ou Hugoana:* Castro Alves.

PROSA (romances, novelas, contos):

1. José de Alencar;
2. Joaquim Manoel de Macedo;
3. Manuel Antônio de Almeida;
4. Bernardo Guimarães;
5. Visconde de Taunay.

Teatro Romântico Brasileiro: Martins Pena.

Como seu título já indica, o presente artigo pretende, após essa breve síntese sobre o Romantismo Literário, abordar com mais detalhes a poesia produzida na segunda fase ou

geração do Romantismo no Brasil, a **poesia sentimental, byroniana, ultrarromântica ou mal do século brasileira.**

VII - Fase sentimental, byroniana, ultrarromântica ou mal do século da POESIA romântica brasileira.

Exageradamente melancólica, a poesia sentimental romântica brasileira expressa amores platônicos, impossíveis de serem correspondidos no plano material. O esquema dessa poesia se resume em dois elementos: **o encontro** do eu-lírico com a amada, que lhe desperta um amor intenso e à primeira vista e **o obstáculo**, a também imediata constatação de que não poderão ficar juntos, não poderão concretizar seu amor, sua história de amor impossível não terá nenhuma possibilidade de ter final feliz.

Como já citado, no entanto, para o romântico, tudo que é impossível, todos os obstáculos que se apresentam na vida do casal no plano material, será possível no plano espiritual, após a morte, pois no plano espiritual não há obstáculos, o impossível não existe: só a felicidade! A morte, assim, é um momento de felicidade aos que sofrem por amor. Qualquer que seja o obstáculo – ou a amada é mais rica, ou é mais pobre, ou é casada, ou o eu-lírico é casado, ou ela é religiosa, ou ele, dentre outros impedimentos que separam o casal - e torna seu amor impossível, ele não existirá no plano espiritual após a morte de ambos.

A obra cinematográfica *“Em algum lugar do passado”* mostra bem essas crenças e ideias do romântico sentimental: Richard e Elise vivem um amor impossível nesta vida por causa de um obstáculo intransponível: vivem em épocas diferentes. O grande obstáculo, assim, é o TEMPO. Quando Richard descobre o que o separa de Elise, ele deseja e provoca sua própria morte. Ao morrer, ele chega no plano espiritual e quem o espera de braços abertos e com um largo sorriso é Elise, e os dois jovens e belos (pois é assim que o romântico acredita que ele e a amada se encontrarão) se abraçam e se beijam com a certeza de que poderão, finalmente e depois de tantas idas e vindas no tempo, ser felizes para sempre. A trilha sonora, a caracterização dos diferentes períodos de tempo, o lindo e grande Hotel (espaço predominante da narrativa) em que se encontram e se amam, e todos os demais elementos semióticos que se interrelacionam, aumentam ainda mais a carga sentimental dessa bela obra romântica.

O belíssimo e emocionante final do filme Titanic, de James Cameron, também mostra o momento de desencarne de Rose e sua chegada ao Titanic para reencontrar o amor de sua vida, Jack, com todos os que morreram no naufrágio aplaudindo o reencontro naquele espaço que, aparentando escuridão e ruína no fundo do oceano, se mostra colorido e novamente cheio de

vida. Jack vai receber Rose na escadaria do navio, beijando sua mão, ambos novamente jovens e belos.

A exagerada melancolia, o sofrimento por amor, o desejo de morte e outros elementos que fazem da poesia romântica sentimental ser um autêntico poema lírico do tipo **ELEGIA**, estão evidentes no poema abaixo, de autoria daquele que melhor representou a poesia sentimental ou o mal do século do Romantismo no Brasil: Álvares de Azevedo, sobre o qual também trataremos mais adiante.

*Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro!
Não levo da existência uma saudade!
E tanta vida que meu peito enchia
Morreu na minha triste mocidade!*

*Misérrimo! Votei meus pobres dias
À sina doída de um amor sem fruto,
E minh'alma na treva agora dorme
Como um olhar que a morte envolve em luto.*

*Que me resta, meu Deus? Morra comigo
A estrela de meus cândidos amores,
Já não vejo no meu peito morto
Um punhado sequer de murchas flores!
(Adeus, meus sonhos)*

De onde e como surgiu essa tendência?

A resposta está na origem do Romantismo, que se deu no século XVIII, na Europa, mais precisamente na Alemanha.

VIII - Alemanha, Johann Wolfgang von Goethe.

O poeta, romancista e dramaturgo alemão **Johann Wolfgang von Goethe**, no ano de 1772, vai morar na cidade de Wetzlar, onde, num baile, conhece Charlotte Buff, que se torna sua grande paixão e inspiração. Ela, porém, já tem compromisso amoroso com Johann Christian Kestner. O resultado é a mudança de Goethe no mesmo ano para Wahlheim, a produção e a publicação, em 1774, de uma de suas obras mais famosas, escrita em 4 semanas e com uma narrativa composta por cartas (uma obra epistolar, portanto): *Os sofrimentos do Jovem Werther*.

O romance epistolar *Os sofrimentos do Jovem Werther* (1774) é uma coletânea de cartas escritas por Werther, o protagonista, endereçadas a seu melhor amigo, Guilherme. Narradas em primeira pessoa, as cartas de Werther apresentam pensamentos, aspirações, dúvidas, encantos e desencantos com a vida. A descrição de Werther sobre Wahlheim tem muito a ver com a cidade alemã que o Goethe viveu, Wetzlar, com a população local, com o encontro com Carlota (suagrande paixão), com o pretendente dela, Alberto, e comenta sua decisão de partir para a cidade. No desenvolvimento da narrativa, à proporção que sua paixão por uma mulher comprometida aumentamais distante fica a possibilidade de ficarem juntos, Werther escolhe as vias do suicídio como solução final para sua vida. A primeira parte do romance é fruto da experiência pessoal de Goethe (que altera apenas os nomes das pessoas envolvidas), que, em decorrência de sua melancolia por não ter seu amor por Carlota correspondido, não encontra naquele lindo lugar bucólico em que vive um prazer sequer (normalmente, o campo é um local inspirador, agradável, prazeroso) e resolve se mudar para a cidade, iniciando a segunda parte da narrativa, que é baseada numa história de amor não correspondido contada pelo amigo Kestner também através de cartas, que lamenta que a arma usada foi ele quem emprestou ao suicida, e que Goethe então a atribui como destino de Werther. Os detalhes da obra serão omitidos aqui para que o leitor possa ter o privilégio de ler na íntegra essa importante obra de Goethe, bem como a obra *Fausto*, que também é do autor, duas obras imortais da Literatura Universal.

A obra *Os sofrimentos do jovem Werther* deve não apenas ser lida, mas também analisada quanto às ações que seu autor realiza no "dizer" em toda a sua composição. Por exemplo: ações que o dizer do narrador criado pelo autor desencadeia (atos ilocucionários) e que resultam numa reação no leitor (atos perlocucionários). O resultado, no caso dessa obra, foi surpreendente, pois uma quantidade incalculável de jovens (como Werther) alemães, muitos sofrendo por amor (como Werther), ao ler a obra, encantam-se com a ação de dar cabo da própria vida (como Werther) e "morrer de amor". Uma verdadeira multidão de jovens alemães, imitando Werther e para desespero dos pais, se suicida e essa morte coletiva dura um longo tempo.

É nesse momento que a beleza de se morrer de amor, de encerrar o sofrimento por amor com a morte, instala-se na Literatura de tal forma que transcende o Oceano Atlântico chegando ao Brasil.

IX - Inglaterra, Lord Byron.

Outra forte influência que vai caracterizar a poesia sentimental romântica brasileira, a ponto dela ser chamada também de byroniana, é a obra, mas principalmente a vida e os costumes de George Gordon Noel Byron, o famoso Lord Byron, poeta inglês nascido em Londres em 22 de janeiro de 1788 e falecido em 19 de abril de 1824 em Missolonghi, na Grécia.

Byron escreveu importantes obras, como “Peregrinação de Child Harold” e “Don Juan”. As obras de Byron costumam ser consideradas autobiográficas, o que aproximava o autor e o público. O jovem Byron não desenvolvia só o intelecto, era também um amante dos esportes, mas passou a viver uma vida cheia de excessos, o que lhe gerou grandes dívidas. Teve uma vida pessoal bastante conturbada: homossexualismo, dezenas de casos sexuais e também foi um dos primeiros escritores a descrever os efeitos da maconha e do ópio. Em meio a toda essa agitação existencial, que se tornou o paradigma do homem romântico que busca a liberdade, Byron escreveu uma obra riquíssima, em que não faltam elementos autobiográficos, cujo eu-lírico se confronta tanto com seu temperamento romântico e amoroso como com sua face mórbida, flertando com o amor e com a morte. O cinismo e o pessimismo de sua obra haveriam de criar, juntamente com sua mirabolante vida, uma legião de jovens poetas “byronianos” por todo o mundo, chegando até o Brasil na obra de grandes escritores, como Álvares de Azevedo. Tão importante quando sua obra, a imagem de Byron era reproduzida em larga escala, o que tornou o escritor muito conhecido. Fazia sucesso principalmente entre as mulheres, que o viam como um herói romântico. A preocupação de Lord Byron com a própria imagem era tão grande, que ordenava que as pinturas o mostrassem como um homem com feições definidas e corpo em forma.

Vale ressaltar que, ao mesmo tempo em que leva uma vida desregrada, cheia de excessos, boêmia, regada a álcool e drogas, Byron pratica esportes, não come carne, tem uma alimentação muito saudável. Também tem um amor incondicional pelos animais, verdadeira causa de sua aversão por carne e a adoção de uma alimentação totalmente vegetariana. Essa particularidade de Byron fica como sugestão para uma pesquisa sobre o poeta como verdadeiro precursor do vegetarianismo e pela luta em prol da natureza (meio ambiente) e dos animais, tão em voga na atualidade.

Muito mais do que a influência pela sua poesia melancólica, pessimista e pela fuga da realidade, Byron influenciou românticos do mundo inteiro com suas atitudes, não as saudáveis, mas as de excesso, de boêmia, de vida desregrada, de quem busca a morte, o definhando aos poucos, o

suicídio paulatino, materializando na vida real e fingindo ser ele "de verdade" aquele eu-lírico que, por sofrer de amor, busca a morte como fim de seu sofrimento.

X- Tuberculose

A tuberculose é a doença infecto-contagiosa que mais mata no Brasil. Transmitida pelo *Mycobacterium tuberculosis*, o *bacilo de Koch*, tem como principais sintomas tosse por mais de duas semanas, produção de catarro, febre, sudorese, cansaço e dor no peito. A tuberculose é transmitida pelos bacilos expelidos por um indivíduo contaminado quando tosse, fala, espirra ou cospe.

O que a tuberculose tem a ver com o tema deste artigo?

Acredita-se que a doença sempre existiu, mas, em 1839, ela foi denominada com o nome de *tuberculose* por Schoenlem. Em 1882, Robert Kock descobriu e descreveu o bacilo da doença, o *mycobacteriumtuberculosis*, que, em homenagem ao seu descobridor, passou a ser chamado de bacilo de Kock. Essa descoberta rendeu a Kock o Prêmio Nobel de Medicina em 1905. Ele também apresentou um extrato de glicerina com o bacilo da tuberculose chamado *tuberculina*, que ele pensava ser um remédio para a doença; enganou-se, mas a tuberculina posteriormente passou a ser utilizada como teste para a doença em sua fase inicial.

Como tudo na Ciência e, no século XX, em especial na Medicina, a evolução parece ter colocado em dia todos os séculos anteriores que foram perdidos, descobriu-se a pasteurização do leite (para eliminar o bacilo da tuberculose no leite infectado por ele, o que era comum ocorrer) e, em 1921, na França, no Instituto Pasteur, foi descoberta a *vacina BCG* (**B**acilo de **C**almette e **G**uerin, seus descobridores), divulgada apenas após a Segunda Guerra Mundial por motivos políticos. Depois, vieram os antibióticos, algumas medidas de políticas públicas e tratamentos mais bem sucedidos da doença foram possíveis.

Daí em diante, as mortes pela doença diminuíram, mas ainda é em grande quantidade e a doença ainda não foi vencida. A doença pode ser tratada, em especial se for combatida em sua fase inicial, ou seja, antes de atingir os alvéolos. Quando entra em sua fase mais crítica, vai destruindo os pulmões e se torna fatal. Com o tempo, surgiram cepas mais resistentes aos antibióticos existentes, o que representa uma luta constante no combate à doença até hoje.

Não há dúvidas, porém, de que a fase mais crítica da história da tuberculose no Brasil e no mundo foi **no século XIX**, quando, para preocupação pública, houve uma **verdadeira epidemia de tuberculose, que se tornou um mal do século**. Na Inglaterra, por exemplo, uma entre quatro mortes era por tuberculose nessa época. Na França, uma entre seis. No Brasil, não

se tem estatísticas precisas, mas a quantidade de mortes nesse período foi incontável. Quando ocorria a morte, todos os pertences da pessoa tinham que ser queimados para evitar o contágio, que ainda era algo desconhecido.

Dentre a população mais pobres, a situação era ainda pior, era endêmica.

A tuberculose, em especial naquele momento, era arrasadora àqueles que não tinham vida regrada, com hábitos saudáveis e com cuidados para evitar a contaminação por doenças infecto contagiosas.

Há uma espécie de pessoas altamente vulneráveis a essa doença, que estão expostas a ela pelo modo de vida boêmio, cheia de excessos e de vícios, à friagem, à vida noturna: os byronianos poetas do Romantismo Brasileiro, por exemplo.

Praticamente todos os poetas da segunda fase do Romantismo Brasileiro, jovens estudantes de Direito, morreram por causa da tuberculose e muitíssimo jovens: Álvares de Azevedo (1831 - 1852) aos 21 anos; Casimiro de Abreu (1839-1860) aos 21 anos; Junqueira Freire (1832-1855) aos 22 anos; Castro Alves (1847-1871) aos 24 anos. O poeta Fagundes Varela, da mesma geração, também faleceu em decorrência da tuberculose, mas um pouco mais velho, aos 34 anos (1841-1875).

A denominação "mal do século", assim, aplica-se tanto à tendência que caracteriza a poesia romântica em que seu eu-lírico deseja a morte em decorrência do sofrimento do amor não correspondido (amor impossível) quanto à tuberculose, de maneira que se confundam e se interrelacionam. Tanto isso é verdade que, num artigo da Revista Brasileira de Clínica Médica, intitulada A história da tuberculose no Brasil: os muitos tons (de cinza) da miséria, disponível em <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2012/v10n3/a2886.pdf>, é ressaltada a informação de que, **"durante o século XIX, a concepção da doença como "mal romântico" foi extremamente difundida, sobretudo entre os poetas da época."** e que, só a partir do século XX, a doença passa a ser claramente percebida como um preocupante problema de saúde, em termos individuais e coletivos.

No Brasil, assim, concretizando o desejo de seus "eus-líricos", os poetas ultrarromânticos escapam dos sofrimentos dos amores não correspondidos nesta vida morrendo jovens, belos e... tuberculosos.

Dos poetas românticos brasileiros citados que morreram muito jovens, belos e tuberculosos (que contraíram o mal do século doença e o mal do século tendência romântica), este artigo coloca em destaque o poeta que melhor representou essa geração romântica no Brasil: Álvares de Azevedo.

XI - Manuel Antônio Álvares de Azevedo (1831-1852), o "menino prodígio da Literatura Brasileira".

Patrono da Cadeira n. 2 da Academia Brasileira de Letras, por escolha de Coelho Neto, Álvares de Azevedo pertencia a uma família ilustre e, aos 17 anos, depois de concluir o Colégio Stoll com excelência, matricula-se na Faculdade de Direito de São Paulo e, pouco tempo depois, funda a *Revista Mensal da Sociedade Ensaio Filosófico Paulistano* dando início a sua verdadeira vocação: dedicar-se à Literatura. O meio literário paulistano, impregnado de afetação byroniana, influenciou a vida e a obra de Álvares de Azevedo, sendo que a melancolia e sobretudo a previsão da morte inundam os versos do único livro que conseguiu organizar em vida, mas que foi publicado postumamente: *Lira dos Vinte Anos*, que contém o poema *Se eu morresse amanhã*, lido pelo romancista Joaquim Manuel de Macedo no dia do enterro do jovem poeta de 21 anos, morto no dia 25 de abril de 1852 por complicações da tuberculose acometida por causa de sua vida noturna, boêmia, de sua propensão à doença, ao mal do século.

Se sua vida foi curtíssima, a quantidade e a variedade de sua obra, descoberta e publicada após sua morte, foi vastíssima! Pouca vida, mas muita produção literária! Vida curta, mas fama eterna, imortalidade! Daí este artigo dar-lhe a alcunha de "menino prodígio do Romantismo Brasileiro", conforme se segue:

Depois da sua morte, foram descobertas e publicadas as seguintes obras do poeta:

"**Poesias**" (1853): *Rio de Janeiro. Tip. Americana de J.J. da Rocha, 1853. (v. I das Obras de Manuel Antônio Álvares de Azevedo);*

"**Poesias**" (1855): *Obras de Manuel Antônio Álvares de Azevedo (v. II). Rio de Janeiro: Tip. Universal de Laemmert, 1855.*

"**Obras completas**": *Obras de Manuel Antônio Álvares de Azevedo. Precedidas de um discurso biográfico, acompanhadas de notas pelo Dr. Jacy Monteiro e acrescentada com obras inéditas e um apêndice contendo discursos, poesias e artigos feitos à ocasião da morte do poeta. Paris: Garnier, 3 v., 1862;*

"**Obras Completas**" : *Obras de Manuel Antônio Álvares de Azevedo. Precedidas de juízos críticos dos escritores nacionais e estrangeiros e de uma notícia sobre o autor e suas obras por J. Norberto de Sousa e Silva. Quarta edição inteiramente refundida e anotada, ornada de retrato. Paris: Garnier, 3 v., 1873.*

"**O poema do frade**": *Com notícia biográfica do autor. Porto: Cia. Nacional Ed. (Biblioteca Universal Antiga e Moderna), 1890.*

"**O Conde Lopo**": (poema inédito). Ed. org. por L.A. da Silva Nunes. Rio de Janeiro: Tip. G. Leuzinger & Filhos, 1886

"**Macário**", obra dramática (**Teatro**), publicada em 1852;

"**A noite na taverna**", contos fantásticos, acompanhada de biografia por J. M. Macedo. Lisboa: Tip. J. M. Verde, 1878.

"**O livro de Fra Gondicário**": estudos críticos sobre literatura e civilização em Portugal: Lucano, George Sand, Jacques Rolla,

Artigos, discursos e 69 cartas.

Se em tão curta vida, Álvares de Azevedo produziu o que muitos não conseguiriam em um século de vida, imaginem se ele vivesse mais o dobro da idade com que morreu?

Se com apenas 21 anos, o prodígio Álvares de Azevedo foi "poeta, sonhou e amou na vida", versos mentirosos, pois ele foi poeta, romancista, contista, dramaturgo, crítico literário e tantas outras coisas que deve ter sido e que não se tem registro, se ele se tornou ainda quase um menino um gênio, imagine se ele tivesse dado à humanidade um tempo maior de seu tempo...

Certamente, o tempo desse gênio entre os humanos foi o necessário para inundar o Brasil e o mundo de poesia, de mostrar a morte como uma passagem e não como algo a ser temido, como um meio para buscar o sonho, a felicidade, o que não se conseguiu nessa vida material. Mostrar a possibilidade de uma vida onde tudo é possível e melhor. Como no poema abaixo:

*Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechando meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!*

*Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perderei chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!*

*Que sol! que céu azul! que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!*

*Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!
(Se eu morresse amanhã)*

"Quando em meu peito rebentar-se a fibra
 Que o espírito enlaça à dor vivente,
 Não derramem por mim nem uma lágrima
 Em pálpebra demente.
 E nem desfolhem na matéria impura
 A flor do vale que adormece ao vento:
 Não quero que uma nota de alegria
 Se cale por meu triste passamento.
 Eu deixo a vida como deixa o tédio
 Do deserto, o poento caminheiro –
 Como as horas de um longo pesadelo
 Que se desfaz ao dobre de um sineiro;
 Como um desterro de minh'alma errante,
 Onde fogo insensato a consumia:
 Só levo uma saudade – é desses tempos
 Que amorosa ilusão embelecia.
 Só levo uma saudade – é dessas sombras
 Que eu sentia velar nas noites minhas...
 De ti, ó minha mãe, pobre coitada
 Que por minha tristeza te definhas!
 De meu pai... de meus únicos amigos,
 Poucos – bem poucos – e que não zombavam
 Quando, em noites de febre endoudecido,
 Minhas pálidas crenças duvidavam.
 Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
 Se um suspiro nos seios treme ainda
 É pela virgem que sonhei... que nunca
 Aos lábios me encostou a face linda!
 Só tu à mocidade sonhadora
 Do pálido poeta deste flores...
 Se viveu, foi por ti! e de esperança
 De na vida gozar de teus amores.
 Beijarei a verdade santa e nua,
 Verei cristalizar-se o sonho amigo...
 Ó minha Virgem dos errantes sonhos,
 Filha do céu, eu vou amar contigo!
 Descansem o meu leito solitário
 Na floresta dos homens esquecida,
 À sombra de uma cruz, e escrevam nela:
 – **Foi poeta – sonhou – e amou na vida.**
 – Sombras do vale, noites da montanha
 Que minha alma cantou e amava tanto,
 Protegei o meu corpo abandonado,
 E no silêncio derramai-lhe canto!
 Mas quando preludia ave d'aurora
 E quando à meia-noite o céu repousa,
 Arvoredos do bosque, abri os ramos...
 Deixai a lua prantear-me a lousa!"
 (Lembrança de Morrer)

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo; Cultrix, 2015.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura Brasileira: Das origens ao Romantismo*. 4^a; ed. São Paulo: Cultrix, 2012 (Volume I).
- MONTOIA, Mayla Louise Greboge. *Literatura Romântica de Goethe através da obra Os Sofrimentos do Jovem Werther*. Curitiba: Cadernos de Clio, 2018 . Disponível em <file:///C:/Users/ROSA-2022/Downloads/68639-306160-1-PB>.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Porto Alegre: LPM, 2017.
- LORD BYRON, Disponível em <http://educacao.globo.com/artigo/lord-byron-inspiracao-para-o-poetas-ultrarromanticos-brasileiros.html>
- LORD BYRON, Disponível em <https://educacao.uol.com.br/biografias/george-gordon-noel-lord-byron.htm?cmpid=copiaecola>
- MACIEL, Marina der Souza; MENDES, Plínio Duarte; GOMES, Andréia Patrícia & BATISTA, Rodrigo Siqueira. *A história da tuberculose no Brasil: os muitos tons (de cinza) da miséria* in “Revista Brasileira de Clínica Médica”. São Paulo, 2012, disponível em <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2012/v10n3/a2886.pdf>
<https://bvsmms.saude.gov.br/tuberculose-21/>
<https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/tuberculose/>
- ROSA, Dione M.S. *Prosa Gótica de Álvares de Azevedo em Noite na Taverna*. Curitiba; Editora Prismas, 2017.
- AZEVEDO, Álvares ,
Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/alvares-de-azevedo>
- AZEVEDO, Álvares. *Melhores Poemas de Álvares de Azevedo*. São Paulo: Global Editora, 2022.
- _____. *Lira dos Vinte Anos* . Cotia: Ateliê Editora, 2014
- _____. *Macário*. São Paulo: L&PM Editores, 2001.

RECEBIDO: 11/12/22

APROVADO: 05/12/23